



GRUPO DE TRABALHO 07
FORMA E FUNÇÃO EM SINTAXE
COORDENADORES: Camilo Rosa Silva (UFPB)
Secundino Vigón Artos (UFCEG)

A PREPOSIÇÃO “PARA” NAS COMPLETIVAS OBJETIVAS DE INFINITIVO

Secundino Vigón ARTOS
secundinoufcg@gmail.com
UFCEG

Uma vez estabelecidas as subclasses semânticas dos verbos que selecionam completivas de complemento direto (Barbosa, 2003), verificamos que essas construções completivas podem ser selecionadas por verbos de diferentes classes, mas independentemente da classe semântica desses verbos, as completivas selecionadas não sempre apresentam a mesma estrutura formal e a maioria destes verbos permite duas estruturas diferentes: construções de infinitivo e construções introduzidas por um transpositor ou complementador lexical. Se bem se vem apresentando na literatura gramatical portuguesa estas construções como equivalentes, verificamos que este não será o único aspeto formal claramente identificável a ter em conta no caso das completivas de objeto direto, dado que também pode existir outro traço formal com os verbos associados a atos de fala declarativos de ordem em que as completivas infinitivas de complemento direto aparecem introduzidas pela preposição “para”. O mesmo já não acontece quando a completiva é introduzida pelo transpositor habitual “que”. Para os que vimos defendendo que as completivas de infinitivo, ao igual que os seus correlatos com verbo flexionado, têm um estatuto comparável ao de qualquer outro argumento nominal e que, conseqüentemente, poderão realizar as mesmas funções que correspondem a este quando nos encontramos com comportamentos sintáticos como o descrito anteriormente consideramos que é o nosso dever tratar de explicá-lo e justificá-lo desde a própria teoria em que nos posicionamos. Assim sendo, trataremos nesta comunicação oral de explicar, da perspectiva da sintaxe funcional, como se encaixam estas estruturas na teoria funcionalista e qual é o estatuto dessa preposição “para”, considerada por Duarte (2003) “*como um complementador lexical*”. Contudo, trataremos de procurar outra explicação -que não a de complementador lexical ou transpositor- para explicar o estatuto da preposição “para” nas completivas de infinitivo objetivas com os verbos declarativos de ordem.

A MULTIFUNCIONALIDADE DO ENTÃO NA FALA CAJAZEIRENSE

Daiane Aparecida CAVALCANTE
daiane.aparecida20@hotmail.com
UFPB

O presente trabalho tem como objetivo mapear as multifunções do *então* à luz da abordagem funcionalista, numa amostra de dados da oralidade, no *Corpus* Linguajar do Sertão Paraibano (UFPB), com informantes das zonas urbana e rural do município de Cajazeiras - PB. Considerando que a sintaxe dos advérbios, na abordagem da gramática

tradicional, parte de uma perspectiva forma>função, o *então* é classificado como advérbio de tempo, exercendo a função de modificador do verbo, como também figura entre as conjunções conclusivas. Sob o enfoque da perspectiva teórica funcionalista, que contempla a motivação função>forma, o item em estudo, dotado de liberdade sintática e semântica, vem se estratificando entre os falantes da língua, com uma gama de funções. Para fundamentar a análise, teremos como arcabouço teórico, entre outros, autores como: Bechara (2011), Melo (1978), Bybee (2016), Hopper (1987), Pezatti (2001), Risso (1996), Furtado da Cunha (2016) e Gívon (1995). Conforme apontam os dados analisados, o item *então* apresenta comportamento funcional dinâmico, mantendo traços de sua função-fonte, deslizando-se entre as funções-alvo de retomador, resumidor, seqüenciador/preenchedor de turno conversacional, pausador e inferidor. Esse comportamento evidencia o caráter fluido da língua, e que sua sintaxe não é autônoma, mas sim emoldurada pela Pragmática. Nesse viés, a semântica é dependente da pragmática e as prioridades vão da Pragmática para a Sintaxe via Semântica.

Palavras-chave: Abordagem funcionalista. Multifuncionalidade do *então*. Sintaxe funcionalista.

O ITEM AGORA EM RELAÇÃO À ORDEM MORFOSSINTÁTICA

Maria José de OLIVEIRA
mariajoseoliveira@bol.com.br
IFRN-Caicó
UFPB/PROLING
Gisonaldo Arcanjo de SOUSA
gisonaldo.arcanjo@bol.com.br
UFRN

Este trabalho tem o propósito de averiguar se a ordem morfosintática dos constituintes oracionais em que se insere o item *agora*, durante o período que compreende os séculos XIV-XVI determinam seu índice de frequência funcional na modalidade de língua escrita. Para operacionalizar a pesquisa, analisamos uma amostra de textos composta por 131 ocorrências de dados das Crônicas gerais da Espanha de 1344; Crônicas de D. Fernando e Cartas de Dom João III, buscados no *Corpus do Português – Séculos XIII-XX* (DAVIES; FERREIRA, 2006). De base funcionalista, a análise se ancora em trabalhos de Givón (2001, 2005); Hopper e Traugott (2003); Heine e Kuteva (2007); Bybee (2006, 2010), entre outros. Metodologicamente é um trabalho de cunho quantitativo/qualitativo, cujo percurso foi feito observando o percentual de ocorrências do item nas funções gerais de dêitico temporal, juntor e marcador discursivo em relação à ordem (pré-verbal-AV); (pós-verbal-PV); (IS-início da sentença/oração); (FS-final da sentença/oração). Como era de se esperar, os resultados apontam para a predominância do item em contextos pré-verbais e na função de dêitico temporal com valor de presente com extensões para o passado e para o futuro. Certamente, a ordem prevalecente nas funções sinalizará tendências de mudança sintático-semântica pela qual o item vem passando.

Palavras-chave: Agora. Ordem. Forma. Função.



ORAÇÕES ADVERBIAIS INTRODUZIDAS POR *SEM (QUE)*: RELAÇÃO ENTRE
MOBILIDADE POSICIONAL E ESTATUTO INFORMACIONAL

Marta Anaísa Bezerra RAMOS
martaanaisa@gmail.com
UEPB
Camilo Rosa SILVA
camilorosa@gmail.com
UFPB

A interface *discurso/gramática* é um dos temas de interesse das pesquisas funcionalistas, em conformidade com a tese de que a gramática é governada por motivações semânticas e discursivas, representando, pois, um sistema dinâmico. Significa que a análise dos fenômenos linguísticos, sob a ótica funcional, parte do produto lingüístico, a estrutura sintática, para descobrir as motivações semânticas e comunicativas de determinantes de uma dada configuração estrutural. Nessa perspectiva, a ordem de distribuição das informações no texto pode ser explicada em função do tipo de relação lógico-semântica, já que há construções que só admitem uma ordem, como as consecutivas, que vêm pospostas; e outras que priorizam uma posição, é o caso da relação concessiva, que, muitas vezes, antecede a oração principal. Ou em função das exigências do processo comunicativo, pois a opção pela ordem canônica (não-marcada) ou pelo deslocamento da oração adverbial (ordem marcada) não é aleatória – há uma tendência de se apresentar, na primeira posição, como ponto de partida, informação partilhada pelos interlocutores; e na segunda, informação nova. É exatamente em torno da ordenação de constituintes que gira a discussão relativamente às orações adverbiais introduzidas pelos transpositores **sem** e **sem que**, tomadas como objeto de estudo. Tomamos como amostragem textos argumentativos (artigos de opinião e entrevistas), objetivando mostrar que existe uma relação icônica entre a ordem das orações e o estatuto informacional. Para essa reflexão, reportamo-nos aos estudos realizados por Paiva (1991/1997) e Pezzati (2005), entre outros, que têm por base a Perspectiva Funcional da Sentença.

Palavras-chave: orações adverbiais; mobilidade posicional; fluxo informacional

AS MARCAS DISCURSIVAS DA PERÍFRASE CONJUNCIONAL
JÁ QUE EM TEXTOS VIRTUAIS PELO VIÉS FUNCIONALISTA

Macelio Macedo dos SANTOS
mmacelios@gmail.com,
Grupo de Investigações Linguísticas
UFPB
Raissa Gonçalves de Andrade MOREIRA
raissamoreira28@gmail.com
Grupo de Investigações Linguísticas
UFPB

Nos estudos da linguagem, o Funcionalismo é a corrente que procura compreender a organização sintática da língua a partir da função desempenhada pelos itens na cláusula,



SELIMEL

X SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO DE
LÍNGUA MATERNA, ESTRANGEIRA
E DE LITERATURAS

LÍNGUA(GENS), ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE:
POLÍTICAS E PROFISSIONALIZAÇÃO

na relação entre conteúdo semântico e estrutura sintática, expressa pelo paradigma *função > forma*, de modo que entende a gramática como um conjunto de regularidades a partir da emergência dos itens e expressões linguísticas que materializam o discurso (componente pragmático), na situação de comunicação. Neste sentido, objetivamos verificar e analisar as marcas e nuances discursivas da perífrase conjuncional *já que* a partir de seu comportamento em textos da realidade virtual (internet), a saber, Twitter e Instagram, em sua maior parte. Para tanto, tomaremos a teoria sobre o fenômeno da gramaticalização como principal fundamento deste estudo, em geral, visto como a mudança de itens de valor lexical para gramatical ou se já gramaticais tornam-se ainda mais gramaticalizados, atuando no nível textual e, daí, para o discurso, nas relações interpessoais. No aspecto metodológico, a partir dos princípios apontados por Hopper (1991) e por Bybee (1994), iremos observar e aferir o grau de gramaticalização do elemento linguístico, bem como sua relação discursiva dentro do contexto no qual se realiza. A partir da análise dos dados, verificamos as configurações discursivas acarretadas pelo deslizamento semântico da perífrase *já que* em textos (curtos) de redes sociais como recurso discursivo-argumentativo capaz de recuperar contextos extralinguísticos, reiterando, assim, informações endofóricas ao texto.

Palavras-chave: Funcionalismo; Gramaticalização; Marcas discursivas; Já que.

SINTAXE DAS ADJETIVAS À LUZ DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO: INTEGRAÇÃO ORACIONAL A SERVIÇO DO DISCURSO

Noelma Cristina Ferreira dos SANTOS
UEPB UFPB-PROLING
Camilo Rosa SILVA
UFPB

A sintaxe funcionalista tem buscado romper o paradigma de análise da língua baseado em dicotomias. Isso se dá pelo reconhecimento de que, ao ser analisada em uso, a língua revela-se em constante movimento e suas formas não são engessadas em categorias. Tradicionalmente, as orações adjetivas são classificadas numa perspectiva dicotômica, em explicativas e restritivas, mas, em meio à heterogeneidade de critérios para essa classificação, é fácil observar que esse tipo de análise não alcança o valor discursivo das adjetivas, o que implica numa necessidade de análise na perspectiva do *continuum* oracional. Esse é o foco da presente pesquisa, cujo *corpus* é formado por 200 redações produzidas em dois processos seletivos diferentes, um para ingresso no Ensino Técnico Integrado e outro para ingresso no Ensino Superior. Os objetivos são: analisar o nível de integração sintático e semântico-discursiva das adjetivas, especificamente das introduzidas pelo pronome relativo “o qual” e investigar os tipos de relações retóricas que as orações adjetivas mantêm com a oração matriz ou nuclear. Para tanto, baseamo-nos, teoricamente, em Hopper e Traugott (1993), Givón (1990), Matthiessen e Thompson (1988), Mann e Thompson (1987; 1988), Oliveira (2001), Decat (2011; 2014), entre outros autores funcionalistas que contribuem para as reflexões sobre o tema. Os resultados apontam para uma predominância no uso da hipotaxe, influenciada pela presença do relativo “o qual”, e para a ocorrência de dois tipos de relações retóricas, a avaliação e a evidência, equilibradas em número de ocorrências e coerentes com a proposta de texto argumentativo.

Palavras-chave: *Continuum* oracional. Hipotaxe. Incorporação. Relações retóricas. Orações adjetivas.

A ORDEM NA CONSTRUÇÃO OPOSITIVA ENCABEÇADA PELO
ITEM *EMBORA* E SUA RELAÇÃO COM A (INTER)SUBJETIVIDADE

Camilo Rosa SILVA
camilorosa@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba
Josefa Jacinto de FRANÇA
jacinta.prof@hotmail.com
DEVRY

Neste trabalho, expomos um tratamento que privilegia a análise do *embora*, considerando sua posição na ordenação sintática dos enunciados. Em dados de língua escrita, do *corpus* Editoriais Jornalísticos na Paraíba, esse item ocupa duas posições estruturais: a) estabelecendo a ligação na fronteira entre orações e b) iniciando parágrafos. Como objetivo, pretendemos compreender de que forma a subjetividade e a intersubjetividade se revelam na atuação do *embora*, considerando sua posição na estrutura textual. Para a análise, buscamos amparo em Traugott (2010), autora que compreende a subjetividade como a relação entre o falante e suas próprias crenças, enquanto intersubjetividade contempla a participação interacional, ou seja, é voltada ao ouvinte/leitor. Também compartilhamos o ponto de vista de Traugott e Dasher (2005), que percebem a subjetividade como um meio do qual o falante se utiliza para codificar novos sentidos. O estudo, portanto, se ambienta no quadro teórico das análises funcionalistas, remetendo, além dos citados, a estudos que buscam explicar os fenômenos de fluidez categorial dos itens linguísticos (SILVA, 2005; 2016). Como resultado preliminar, podemos antecipar que a posição “a)” é produtiva de contextos nos quais se estruturam construções apositivas de valor concessivo, reveladoras de maior comprometimento com a subjetividade. Assim, é razoável afirmarmos que a ordem de colocação da informação concessiva encabeçada pelo *embora* tem interferências na maior atuação da subjetividade ou da intersubjetividade atuantes nos discursos.

Palavras-chave: ordem; subjetividade; intersubjetividade; embora